

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – NEAD
POLO UAB MACEIÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA EAD

Francielma Xavier da Silva Fidelis
Rosangela Maria da Silva

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE REVELA
ESSA EXPERIÊNCIA SOBRE OS SABERES E FAZERES NUMA INSTITUIÇÃO
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MACEIÓ AL?**

Maceió/AL
2020

Francielma Xavier da Silva Fidelis
Rosângela Maria da Silva

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE REVELA
ESSA EXPERIÊNCIA SOBRE OS SABERES E FAZERES NUMA INSTITUIÇÃO
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MACEIÓ AL?**

Artigo científico apresentado à banca examinadora do Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia EAD da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia EAD. Orientadora Professora Ana Cristina de Oliveira de Souza.

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA EAD

Maceió/AL
2020

FRANCIELMA XAVIER DA SILVA FIDELIS
ROSANGELA MARIA DA SILVA

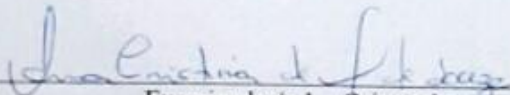
**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE REVELA
ESSA EXPERIÊNCIA SOBRE OS SABERES E FAZERES NUMA INSTITUIÇÃO
PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE MACEIÓ**

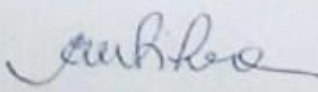
Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia a distância do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

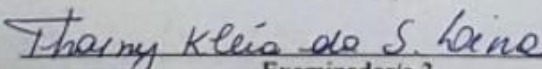
Orientador(a): Ana Cristina de Oliveira de Souza

Artigo Científico defendido e aprovado em: 04/03/2020.

Comissão Examinadora


Examinador/a 1 - Orientador


Examinador/a 2


Examinador/a 3

Maceió
2020

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE REVELA ESSA EXPERIÊNCIA SOBRE OS SABERES E FAZERES NUMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE MACEIÓ AL?

Francielma Xavier da Silva Fidelis
Rosângela Maria da Silva

RESUMO:

O presente artigo vai salientar um pouco das experiências vividas em uma escola do município de Maceió. Com objeto de conhecer melhor os fazeres e o saberes, na prática mesmo já tendo um conhecimento prévio através de relatórios que nos serviram como mapa. A prática pedagógica na educação infantil é umas formas de acentuar as necessidades básicas da aprendizagem e de saber como são trabalhados os diversos mecanismos que facilitam o desenvolvimento no ambiente educacional. O que nos levou a escrever esse artigo foi a fascinação que vivemos na creche Pompeu Sarmento na qual tivemos experiência de criar brinquedos não estruturados que foram entregues as crianças que se deliciaram com cada brinquedo, enquanto eles brincavam nos observamos e registramos todos os momentos que tanta foi enriquecedor para crianças quanto para nós que conseguimos compreender a relevância que os brinquedos não estruturados podem ter na hora da brincadeira no qual um simples objeto possibilita que a mente da criança vá além do que elas podem ver.

Palavras chaves: Educação infantil, saberes, fazeres, práticas pedagógicas.

1 APRESENTAÇÃO

Preparar o espaço, o tempo, brinquedos e deixar as crianças brincar. Brincar como sinônimo de se libertar, de experimentar, de se conhecer e conhecer o outro, de se cuidar, de cuidar do outro, de criar, e se integrar enquanto um ser humano dotado de um corpo, afetos, cognição, emoções, situado em uma cultura, em um contexto social, de tornar infinitas as possibilidades, brincar como sinônimo de desenvolver-se para além das teorias do desenvolvimento.

Observar não para vigiar. Muito menos para punir. Observar para conhecer, para escutar atentamente as crianças. Conhecer não para controlar, mas para se encantar, para aprender e para se convencer de que nenhuma criança é igual, de que não existe uma infância no singular.

Intervir, não para limitar e assim estragar a brincadeira, mas para manter ativas, as possibilidades de, por meio da ação de brincar construam e reconstruam mundos e para que as crianças de forma autônomas resolvam seus desafios.

Partindo do reconhecimento de que o processo de descoberta pela criança se efetiva por meio da liberdade e construção de sua autonomia e que a brincadeira estabelecida nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil como um dos eixos norteadores da prática pedagógica na educação infantil, o presente artigo busca apresentar alguns recortes da jornada das crianças em uma instituição pública de educação infantil do município de Maceió AL. ao longo do desenvolvimento do estágio Supervisionado II em Educação Infantil do curso de Pedagogia UAB/UFAL em que tivemos no Centro Municipal de Educação Infantil Pompeu Sarmiento a oportunidade de ter acesso a uma experiência única que nos modificou profundamente, nos fazendo entrar em contato com uma maneira diferente de perceber e fazer a educação infantil no município de Maceió.

De acordo com as orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Maceió, documento que tem como finalidade contribuir para que as escolas construam sua prática pedagógica, fundamentadas no respeito aos direitos fundamentais das crianças, favorecendo, assim, o exercício de uma gestão democrática e participativa.

A proposta é de um distanciamento de um modelo escolar que, historicamente, influenciou e ainda está presente no ideário e praticada educação infantil, que centraliza as ações no adulto e valoriza apenas aquelas atividades coordenadas pelo professor, acreditando-se que as crianças aprendem apenas o que e quando o adulto lhes ensina (p. 169-170).

Assim como o ensino fundamental, a educação infantil obteve investimentos de controle que podem ser notados na superfície de sua nomeação como pré-escola. Para Arroyo (1994), o termo pré-escola significa que até os seis anos¹ a criança “já tem que dominar se possível, habilidades de leitura, de escrita porque assim evitamos a reprovação na primeira série (p.91). O autor discorre sobre a eliminação desta palavra tão usada apontando que esse momento inicial da criança na escola deve ter uma razão em si e não apenas ser marcada pela expectativa da futura inserção no ensino fundamental.

Os contextos nos quais a educação infantil se confunde com uma pré-escola, sendo considerada precocemente uma etapa da educação básica, onde não há investimentos que visem melhorar qualitativamente a educação das crianças pequenas e muito menos interesse em estabelecer uma cultura do cuidado, o direito

¹ Hoje, cinco anos.

ao brincar vem se tornando um espaço que favorece a produção de diversos transtornos relacionados ao desenvolvimento e a aprendizagem.

De maneira distinta, na escola na qual o estágio foi realizado, a educação infantil vem sendo vivenciada de maneira inovadora. A escrita é reconhecida como convenção social e alfabetização como a aquisição de um código é compreendida como um processo que se inicia pela imersão das crianças desde bem pequeninas nas práticas sociais em que a escrita circula. Desse modo, não há um movimento de precocemente inserir as crianças no mundo dos códigos da escrita. No lugar da alfabetização precoce, as crianças são inseridas na cultura da escrita por meio da imersão nas práticas sociais em que a escrita circula socialmente e desta forma as crianças vão se apropriando de suas regras de funcionamento.

2 A INSTITUIÇÃO CAMPO DE ESTÁGIO

Nesta etapa, buscamos estabelecer um contato inicial com o CMEI Doutor Pompeu Sarmiento, nosso campo de estágio e com o grupo de crianças que freqüentavam a instituição através de uma primeira aproximação a instituição que se deu inicialmente por do acesso e leituras de quatro relatórios finais de outra turma que por lá passou, realizando a mesma atividade de estágio Supervisionado em Educação Infantil II do curso de pedagogia da UFAL no segundo semestre de 2017, sendo, portanto, baseada nas experiências vivenciadas neste ano que buscamos caracterizar esse espaço.

Nosso objetivo inicial foi o de caracterizar a instituição e o grupo de crianças, a fim de observar como eram as rotinas das turmas no ano anterior e buscar inspiração para a escolha e o desenvolvimento do nosso projeto de intervenção a ser desenvolvido no primeiro semestre de 2018, buscando sempre que possível justificar e especificar nossos objetivos com a proposta, mesmo sabendo que esta poderia ser alterada após o contato presencial que teríamos com as turmas naquele momento.

2.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Pompeu Sarmiento é uma instituição pública pertencente à Rede Municipal de Ensino, especificamente, à

Secretaria Municipal de Educação de Maceió (SEMED). A instituição é considerada um anexo da Escola Municipal Doutor Pompeu Sarmiento, a qual ainda não foi desmembrada. A instituição encontra-se localizada na Avenida Muniz Falcão, s/n, Barro Duro na cidade de Maceió, Funcionando parcialmente nos turnos matutino e vespertino.

Atualmente, a instituição – por meio do acordo existente entre a SEMED e as universidades – firmou parceria com a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e tem acolhido professores e graduandos que a têm procurado como campo de estágio e/ou para a realização de pesquisas e projetos, como é o caso de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Vale destacar que o primeiro grupo de estagiários recebidos na instituição foram os graduandos de Pedagogia da UFAL-UAB em 2017.

A construção do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Pompeu Sarmiento ocorreu em 2001. Após 3 anos e ainda inacabada, foi abandonada pela Secretaria Municipal de Educação de Maceió. A gestão da época não deu continuidade à obra, de modo que apenas em 2016 no contexto da reforma da Escola Municipal Doutor Pompeu Sarmiento, a obra foi retomada quase zero, haja vista que tinha apenas as paredes. Diante disso, a instituição foi reconstruída, sendo inaugurada em agosto de 2016. Em outubro de 2016 as atividades foram iniciadas. No início, com apenas quatro turmas, duas do 1º período e duas do 2º período, poucos recursos e materiais. As turmas dos maternais 1 e 2 começaram a funcionar em 2017.

O bairro onde a instituição fica localizada é de classe média, o CMEI fica em um ponto bem localizado, onde os moradores são servidos por duas Unidades de Saúde. As crianças da instituição são oriundas de comunidades que circundam o bairro Barro Duro, como Ouro Preto, Rotary, Novo Mundo, José Tenório

No que se refere ao patrono do CMEI Professor Dr. Pompeu de Miranda Sarmiento, foi uma personalidade de destaque nas áreas jurídica e econômica em Alagoas. Formado em Direito, Sarmiento foi delegado, tabelião público, escrivão eleitoral, informante municipal, juiz, diretor e superintendente em diversas empresas, vice-presidente da Associação Comercial e membro da Associação Brasileira de Imprensa e da Associação Alagoana de Imprensa. Foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Econômicas, professor da Cadeira de Política Financeira e Direito Tributário e posteriormente, com a criação da Universidade

Federal de Alagoas (UFAL), foi eleito para chefiar um de seus departamentos, chegando a ser diretor tributário na Faculdade de Ciências Econômicas da UFAL.

O CMEI Doutor Pompeu Sarmiento atende atualmente cerca de 190 crianças. Inicialmente, foram matriculadas 209 crianças, mas por diversos motivos (como mudança da criança/família para outro local), houve uma pequena evasão. As crianças e as professoras estão distribuídas em 6 salas de atividades que funcionam parcialmente. No horário matutino, estão organizadas da seguinte maneira:

Turma	Faixa etária	Nº de crianças	Nº de professores
Maternal I	02 anos	14	1 professor; 1 auxiliar
Maternal II	03 anos	17 ¹	1 professor; 1 profissional de Apoio Escolar em Educação Especial ¹
1º Período – A	04 anos	20	1 professor, 1 auxiliar
1º Período – B	04 anos	20	1 professor
2º Período – A	05 anos	20	1 professor
2º Período – B	05 anos	20	1 professor

Fonte: Relatório Jéssica e Flávio (2017, s/p).

É importante ressaltar que dentre as 17 crianças do Maternal II, há uma criança autista sendo acompanhada por uma profissional de Apoio Escolar em Educação Especial.

2.1.1 Pessoal

Segundo o relatório de Jéssica e Flávio, o quadro funcional do CMEI Pompeu Sarmiento é constituído por profissionais concursados e prestadores de serviços de acordo com o quadro a seguir:

Nº	Função/cargos	Formação
01	Diretora (40h)	Pedagogia – UFAL
01	Diretora Adjunto (40h)	Geografia – UFAL
01	Coordenadora Pedagógica (50h)	Pedagogia – UFAL
11	Professores	7 Pedagogia; 2 Letras; 1 Geografia; 1 História
08	Auxiliares	Psicologia
Vigia		
02	Merendeira	
03	Apoio	

Fonte: Relatório Jéssica e Flávio (2017).

Não há vigia na instituição, uma pessoa readaptada assumiu a função na portaria, no horário da tarde. Pela manhã, um funcionário da limpeza assume o trabalho. Todos os professores têm especialização, dentre estes, 2 possui mestrado. A coordenadora pedagógica também é mestra pela UFAL. Não encontramos relatos sobre presença masculina na escola.

2.1.2 Espaço físico

Atualmente, dez salas estão em funcionamento na instituição. Além destas, outros espaços são encontrados, como apresenta o quadro a seguir:

Item	X	Quantidade
Secretaria	x	01
Sala da coordenação pedagógica	x	01
Sala da direção	x	01
Sala dos professores	x	01
Almoxarifado	x	01

Salas de atividades	x	06
Depósito	x	01
Refeitório	x	01
Cozinha	x	01
Área de serviço	x	01
Banheiros para crianças	x	02
Banheiros para adultos	x	02
Área verde	x	01
Espaço externo para brincadeira	x	01
Pátio	x	01

FONTE: Relatório dos alunos Flavio Santos da Silva e Jéssica Araujo Barros (ANO 2017)

De acordo com os estagiários supracitados, a sala de atividade observada possui quatro lâmpadas, como durante a manhã há uma boa iluminação, as lâmpadas só são ligadas quando necessário, pois geralmente não é preciso. Em geral, o ambiente é bastante conservado, os móveis presentes na sala estão em boas condições de uso. Referente à ventilação, pela manhã o espaço é bastante arejado, pois possui três janelas na sala, portanto a sala de aula não possui ventiladores. No entanto, no período da tarde a sala de atividades fica mais quente.

A instituição não possui um Projeto Político Pedagógico construído, no entanto, os profissionais apoiam-se nas propostas curriculares construídas pela Rede. Apoiam-se também, na jornada diária das crianças, observadas e registradas pelos profissionais e nas demandas das mesmas. Estes pontos são abordados, estudados, discutidos e refletidos durante os momentos de planejamento semanal e na formação continuada que ocorre em um sábado por mês na instituição conduzido pela coordenação pedagógica.

2.1.3 Programa geral da instituição

No que diz respeito ao acompanhamento nutricional, a instituição possui seus cardápios elaborados pelo grupo de nutricionistas da Rede. Atualmente, todas as crianças se alimentam das refeições fornecidas, não levando lanches de casa – alguns pais ainda mandam frutas e iogurtes que é aceito pela instituição.

Quanto à relação instituição-família, a política do local consiste em que a família deve estar dentro do espaço, transitar livremente (os pais vão até as salas com suas crianças), e sentirem-se donas, pertencentes e zeladoras do espaço. Dessa forma, a criança é vista como a própria família (e vice-versa), que é fundante. Há momentos de reuniões e conversas com os pais, com a coordenação e professores. Estes são orientados nos processos formativos e no exercício diário da ação docente a criar e manter um vínculo respeitoso com as famílias e a comunidade em geral.

Tocante à formação continuada para os professores, o ponto de partida e chegada são as experiências diárias, os encontros e desencontros da atuação dos adultos, as expressões das crianças, suas necessidades, desejos e especificidades.

Quanto à limpeza e higienização da escola por meio da lavagem aos espaços, ocorre duas vezes por semana e, quando não é possível, os profissionais de apoio passam pano em dias alternativos.

2.2 Caracterização da turma de crianças observada

2.2.1 Aspectos sócio-culturais das crianças

A partir das leituras dos quatro relatórios tivemos acesso a informações das diferentes turmas acompanhadas pelos estagiários das turmas de 2017. No relatório de dos alunos Jéssica e Flávio há relatos de crianças que moram com os pais, com os avós e, apenas com as mães nos casos em os pais são separados. Baseado nos relatos das professoras, os dois estagiários relataram ainda que algumas crianças são consideradas mimadas e os pais ausentes da vida escolar.

No trabalho das estagiárias Isabelly e Mayara não há relatos sobre os aspectos sócio-culturais das crianças. Já o grupo do qual participou a estagiária Cristina acrescentou que a maioria dos pais possuem nível fundamental de ensino. De acordo com o relatório desta dupla as crianças possuem acesso a recursos de saúde, mas são carentes de atividades de lazer, esporte e cultura na comunidade em que residem. Afirmando que não houve relato de abusos, no entanto, a professora

ressaltou que as crianças cujos pais são separados apresentam comportamento difícil.

O grupo composto por Cláudia destacou que as crianças moram próximas a escola, possuem pouco recurso financeiro, que as mães em sua maioria trabalham como domésticas e os pais realizam bicos, alguns estavam desempregados no ano passado e que apenas um tinha um emprego estável e bem remunerado, no entanto, a função não foi especificada.

De modo geral, constatamos com esta caracterização a necessidade de colher mais informações para traçarmos um perfil sócio-cultural mais preciso das crianças, pois acreditamos ser fundamental o estabelecimento de uma relação próxima entre família e escola na educação infantil. A ausência de situações de risco nos deixou a espreita e com a seguinte indagação: será que não há de fato crianças em sofrimento ou a escola não estar conseguindo detectar tais casos?

2.2.2 Espaço físico da sala: o que revelam o processo de observação “in lócus?”

Há diferenças nos relatos sobre o espaço físico por se tratar de salas diferentes, no entanto, de modo geral, apresentaremos nossas impressões das salas a partir dos relatórios analisados.

Sobre as condições de conservação, iluminação e ventilação, os relatos apontam que as salas estão conservadas por terem sido recentemente reformadas, que pouco necessitam de iluminação artificial, mas que são pouco ventiladas. Não há ventiladores e a temperatura incomoda bastante, principalmente e, no período da tarde.

O mobiliário é adequado a faixa etária das crianças e as crianças tem acesso aos materiais. Algumas salas são consideradas atrativas enquanto outras não como podemos ver nos relatos, o que nos leva a entender que depende das professoras tal organização, que não há, portanto, padronização na instituição.

Os ambientes são divididos por área, ou seja, possui a área dos brinquedos, a área da fantasia, espaço para as crianças sentarem na roda, área para sentarem nas mesas para realizarem atividades, espaço para guardarem as bolsas e sapatos. Os materiais existentes na sala, apesar de poucos, todos se adequam a faixa etária da turma, no qual eles estão ao alcance das crianças, onde elas podem escolher com qual objeto desejam brincar. É relevante destacar que as paredes do ambiente esta decorada com cartazes com atividades realizadas pelas crianças (pinturas, desenhos, criações, etc.) e cartazes elaborados pela

professora, como lista dos nomes das crianças da sala, avisos, cantigas de roda, aniversariantes, lista de livros lidos, entre outros. O espaço é bastante amplo, com algumas variedades, apesar de poucas, porém se torna um ambiente atrativo para a criança (RELATÓRIO DAS ALUNAS ISABELLY E MAYARA, 2017, p. 14).

As paredes da sala são pintadas de uma cor amarelada, pouco decoradas, em algumas partes tem alguns cartazes, feitos pela professora e pelas crianças, um com uma cantiga, no outro lado um cartaz com os nomes das crianças, os cartazes produzidos pelas crianças, são desenhos e pinturas livres que elas fazem, e também uma parte onde ficam varias fantasias penduradas numa tela fixada na parede, para que as crianças possam pegar e usá-las, no momento das brincadeiras. No geral, o espaço não é muito atraente para as crianças, o que lhes chamam mais atenção nela são os brinquedos, não existe também um espaço para que se possam guardar seus pertences, eles ficam amontoados em cima das mesinhas (RELATÓRIO GRUPO COMPOSTO POR CRISTINA, 2017, s/p).

2.2.3 Rotina diária

A turma composta pela estagiária Claudia observou que a rotina é iniciada por volta das 7h00 da manhã até o horário da saída de 11h e que as crianças já conhecem a rotina “Segundo a professora ela tem duas horas na semana para fazer seu planejamento, e normalmente ocorre na quarta-feira, e deveria acontecer juntamente com a coordenação, mas nem sempre é possível.

A professora relatou que a turma do maternal II a maioria é de meninos e é mais agitada, as atividades são direcionadas mais no sentido de ocupação das crianças, elas realizam com frequência atividades de pintura com tinta, a professora também trabalha com as crianças a música e o movimento”.

Quadro de rotinas – Maternal II Fonte: As autoras TURMA –MATERNAL II FAIXA ETÁRIA 3 E 4 ANOS	
07H00	Chegada no CMEI
07h30	Desjejum
07H40	Recreação
09H00	Retorno para a sala de atividades
09H20	*Iniciam as atividades
10H00	Almoço
* Quando tem atividades. Não tem hora certa para iniciar, e duração é de no máximo 15 min.	

FONTE: Relatório da turma da estagiária Cláudia.

A professora falou que a instituição tem uma proposta muito boa para educação infantil, e que com boa vontade os objetivos são alcançados.

Quanto a demanda e expectativa levantadas pela professora, e a seguinte: palavras da própria, a presença do estagiário, na sala serve de reflexão, para ela avaliar o seu trabalho, através de uma observação que o estagiário venha fazer e também ela se sente responsável por ajudar na formação profissional desse estagiário na prática diária.

2.2.4 Relação professor-criança

A turma da estagiária Cláudia observou que “A relação da professora com as crianças é de muito respeito e carinho, ela trata todos de forma acolhedora, sabe ser firme quando necessário, ao conversar com as crianças ela se coloca no mesmo nível que ele de forma que consiga ter contato visual com a criança. A docente observa e escuta as crianças, assim como também costuma fazer perguntas as crianças de forma a levar elas a refletirem suas ações. Na maioria das vezes a professora não participa ativamente nas brincadeiras das crianças”.

Já a dupla Isabelly e Mayara relata que “Diariamente ela trabalha a oralidade e leitura no momento da roda, através da leitura compartilhada ou deleite. Diariamente as crianças interagem e fazem descobertas diversas e se expressam por meio de diferentes linguagens.

Em relação às expressões visuais plásticas, por exemplo, as professoras costumam oferecer as crianças diferentes elementos da natureza como sementes, galhos, flores, folhas secas, casco de côco, areia, além de tintas, retalhos de tecidos, papelão, cartolina, caixa de ovos para potencializar a criatividade e imaginação das crianças.

Ela trabalha com jogos matemáticos, contagem e agrupamento com tampinhas ou sementes, desafios de percursos na sala, cronometrando o tempo, jogos como boliche, ela registra os pontos de cada um numa tabela, entre outros. As crianças usam a lupa para observar bem de perto animais pequenos, fazem o registro na cartolina e elas partem para a pesquisa científica. Há impressões de imagens, assistem a vídeos e finalizam com a exposição de todas as fases do projeto”.

2.2.5 Linguagens

O destaque de nosso estágio foi entender o brincar como a linguagem mais autêntica e completa da criança. Através da observação deste ato podemos mergulhar no universo da criança, diminuindo a nossa visão autocêntrica e muitas vezes indiferente em relação ao modo como as crianças se comportam.

2.2.6 Planejamento, Registro e Avaliação

Sobre o planejamento, registro e avaliação, a dupla Jéssica e Flávio registram que “Segundo informações fornecidas pela professora e pelas observações dos estagiários, a mesma possui o seu planejamento, que é feito de acordo com a supervisão da coordenadora, sendo assim, seu planejamento é orientado e acompanhado pela coordenação pedagógica, sendo caracterizado pelo modelo macro orientador.

Todos os registros são feitos por fotografias, vídeos e anotações das brincadeiras com momentos de risco e de fundamental importância para as crianças. Esses registros são subjacentes ao trabalho planejado ou não e são destas experiências vivenciadas em sala que ela vai avaliando as crianças de acordo com suas experiências e vivências.

2.3 Demanda da Instituição

Segue os relatos encontrados no relatório dos estagiários Jéssica e Flávio que demonstram quais as expectativas da instituição em relação ao estágio (fala da coordenadora).

Eu entendo que o estágio tem uma importância muito grande para ambas, pra instituição e pra o estagiário, na medida em que quando a instituição se abre para ser campo de estágio, ela não abre só as portas, as pessoas inevitavelmente se deslocam dos lugares, ainda que elas não compreendam, mas elas se mobilizam em função de outros olhares e não só do olhar, mas de outra presença que ali pode ou não estar questionando o que está posto, daí eu acho que o estágio tem esta função de fazer ambos se questionarem. Vocês do lugar, das concepções teóricas que fazem, a partir da percepção que tem deste ambiente, das pessoas, das falas, das experiências das crianças, das

experiências dos adultos, acredito que vocês não saem mais os mesmos daqui, por não saírem mais os mesmos, vocês também se transformam nesta relação como pessoa, como profissional, e inclusive acho que o estágio dá esta condição de pensar para além do que é apreciado, do que é visto, do que é sentido, tanto para a instituição como para o estagiário. Logo, eu compreendo a instituição educativa nesta dimensão e, vejo que ela precisa entender a dimensão que ela tem neste processo formativo de profissionais, seja em exercício ou futuros {...}.

Se este é o primeiro grupo de estágio que a gente recebe e eu compreendo desta forma, então, daqui por diante o CMEI estará aberto para todas as turmas da UFAL que assim quiserem vim para cá, dentro das possibilidades que nós temos de aceitação de quantitativo de pessoas, porque eles sabem que muita gente ao mesmo tempo, meio que movimenta muito o ambiente, mas também não nos trás prejuízo, ao contrário, estou convicta que a gente precisa que todos os semestres estejam aqui dentro, para revitalizar esse processo de mão dupla, porque ambos se repensam, ambos refletem, e ambos se vêem numa condição de estudar sobre os rumos, os princípios e o modo como isso aqui se tece diariamente, porque é isso, aqui é um processo que está se vai tecendo a cada segundo. Hoje vocês viram o "fusuê" das crianças aqui, tudo o que tem aqui sai desse espaço.

Hoje eu comecei a filmar num espaço comum aonde transitam adultos e crianças previamente por mim organizado, com ambientes de médico, de supermercado, de cabeleireira, eu vi uma toca ali, e debaixo daquela toca um menino pega a boneca, depois joga para o outro, depois pega a boneca de novo pra ler para ela. Então, assim, são uma série de narrativas, enredos, que só são possíveis porque o ambiente foi propiciado, porque à medida que eles vão pegando as coisas, eu vou organizando os ambientes junto com eles. Dessa forma se faz necessário planejar, organizar os materiais com antecedência para que eles materiais e ambientes convidem as crianças a explorá-los. Como não dá tempo, eu vou disponibilizando as coisas, colocando estrategicamente, e as crianças vão chegando de todas as idades e vão brincando e você não vê conflitos. E ainda quando tem um conflito de um tomar o carro do outro, vai negocia, conversa, então assim, é... Isso só é possível porque a gente observa e sente quando as crianças estão demandando, e isso se tece a cada segundo e esses enredos também vão se tecendo a cada segundo, essas falas, são falas inusitadas, essas falas eu não teria elas antes, eu até registrei algumas aqui, que eu não teria amanhã, ainda que eu organize este ambiente pra amanhã é um novo momento, são novas experiências que as crianças vão ter nestes ambientes, novas expectativas, novas hipóteses, então assim, uma instituição é algo inusitado a cada segundo, porque é feita, é pensada por pessoas, crianças e adultos.

Na nossa experiência, ficou nítido que a demanda da instituição é por mais objetos não estruturados que possibilitem momentos de brincadeiras ainda mais ricos. Nas palavras da coordenadora, a demanda seria a oferta de um "banquete de

brinquedos”. De fato, podemos dizer que as crianças se deliciam com brinquedos que lhe permitem ir além deles mesmos.

Com base em alguns estudiosos como:

Dias (1996) afirma que é através dos jogos simbólicos que a imaginação entra em nação e que a criança desenvolve a dimensão simbólica do pensamento. Aponta que Vygotsky (1984) ressalta claramente a função do corpo, da imaginação em ação para a criança ir além da percepção motora do comportamento. Acrescenta que também para Piaget (1975) é através do jogo simbólico que a primeira forma de pensamento é desenvolvida para enfrentar a realidade desprendida do mundo material.

A inteligência simbólico-corporal vai se ampliando e desenvolvendo diversas linguagens junto a aquisição da fala a exemplo da corporal, plástica e musical o que deve facilitar a linguagem escrita. É nesse percurso que a criança se constitui como sujeito cultural. Sua identidade pessoal é histórica e cultural.

Conclui que a escolarização nessa e em outras etapas pode ser vista como a educação do corpo ampliado em suas dimensões políticas, histórica e cultural. Para a autora, essa educação se inicia nos primeiros dias de vida e a educação física deve ser a responsável por levar esta concepção ao currículo escolar.

O encontro com Ana Cristina e com as demais pessoas que trabalham no CMEI, bem como com a Pedagoga Maria Amélia Pereira ("Péo") através do vídeo no qual ela comenta o documentário Tarja Branca nos proporcionou um olhar encantador sobre a nossa relação com a infância.

Elas foram nossas mediadoras com Piaget, Vigotsky, Winnicott, Huizinga, Brougère, Haddad, entre outros teóricos da educação infantil. A teoria e a prática são expressões igualmente importantes para a nossa formação e que não devem jamais ser descoladas uma da outra.

2.4 Registro das observações iniciais

Através da leitura das observações realizadas pelos estagiários do ano de 2017 pudemos perceber a importância destes registros, visto a variedade de acontecimentos que são riquíssimos para nossa formação e que poderiam passar despercebido.

Os diários nos possibilitam imaginar como será a nossa vivência com as crianças e nos despertaram idéias de como podemos planejar cada momento para minimizar ao máximo, possíveis equívocos pela nossa pouca experiência e pelo pouco contato com as crianças.

A leitura nos mostrou também que é preciso saber lidar com imprevistos mesmo estando com o planejamento e o projeto de intervenção, pois na educação infantil planejar é alimentar a ludicidade, a imaginação e a criação (REDIN, 2012).

Foi possível observar o lugar da brincadeira neste outro modelo de currículo que contribui para a reconfiguração de todo o espaço e o tempo da educação infantil. Enquanto o ensino fundamental privilegia o controle do movimento dos corpos e a linguagem oral e escrita, o currículo da educação infantil deve multiplicar as formas de linguagem possibilitando as múltiplas manifestações pelas crianças incluindo, por exemplo, a dança e a música que estão diretamente relacionadas ao movimento.

Outro aspecto que merece ser destacado é a apropriação do brincar como aspecto meramente pedagógico e até mesmo terapêutico. Cada vez mais o brincar é justificado apenas porque nele a criança aprende isso ou aquilo. É preciso atentar que o brincar só faz sentido se ele for livre, conforme ocorre com as crianças do CMEI Doutor Pompeu. De que vale brincar se a brincadeira é controlada, cronometrada, vigiada, ou seja, apropriada pela racionalidade instrumental que vem infelizmente dominando às práticas pedagógicas?

Ao analisar o texto de Gobbi, enfatizamos que há uma necessidade de destacar alguns aspectos que são frequentemente utilizados no universo da linguagem. Bem como o termo “linguagem” que geralmente é relacionado estritamente à linguagem verbal e escrita e, por vezes, lhe é dado peso tão grande que chega a inibir a curiosidade por conhecer outras manifestações expressivas dos seres humanos, sobretudo quando têm pouca idade.

O desafio proposto pelo texto é o de irmos além das linguagens verbais e escritas e explorarmos o movimento, o desenho, as dramatizações, as brincadeiras, por exemplo, atentando para as dimensões estéticas e lúdicas o que por meio da análise dos relatórios das estagiárias pode ser constado uma estética que se revela pelas expressões das crianças.

Nossa atuação como estagiárias conhecedoras do espaço, das crianças, dos adultos e dos fazeres e saber desses sujeitos por meio das narrativas dos relatórios lidos nos permitiu outro movimento no estágio.

Na primeira sessão (dia 15/03/2018) tivemos uma reunião com a coordenadora Ana Cristina Souza que nos apresentou instituição, nos indicou leituras, nos relatou a realidade das crianças que estudam na escola, além de ter realizado a escuta de nossos projetos. Ela nos falou sobre quatro eixos que orientam o trabalho na escola: o cuidado de si, o cuidado do outro, o cuidado com o espaço e o cuidado com o tempo.

A prática proposta pela instituição preconiza que os adultos só devem intervir nas situações de interação entre as crianças, apenas quando o problema foge do universo das crianças. Ana Cristina nos convenceu por sua experiência prática e sua articulação teórica de que as práticas na educação infantil devem garantir que as crianças sejam o centro do processo e que adultos que também tem suas centralidades assumam as condições de potencializar as experiências das crianças através da escuta atenta à criança enquanto brinca e faz suas descobertas.

Ficou bastante evidente a preocupação com o desenvolvimento integral das crianças a partir de brinquedos não estruturados como vai e vem, bambolê, corda, pé de lata, blocos de montar, dentre outros. A coordenadora nos deu uma aula sobre o desenvolvimento infantil, evidenciando aquilo que a gente vem lendo nas disciplinas de Saberes e Metodologias da Educação Infantil 2 e Jogos, recreação e brincadeiras: a criança escuta, aprende e vive com o corpo inteiro e nossas práticas precisam favorecer o movimento dessas crianças.

Ademais, nos foi por ela recomendado a leitura das DCNEI e da Proposta Curricular do município de Maceió. Depois de toda esta explanação, vários aspectos de nossos projetos de intervenção foram assumindo outra dimensão e dando lugar ao que realmente podemos chamar de um banquete de brinquedos. A proposta, então, a partir da realidade e da política de respeito ao protagonismo das crianças, em confeccionar brinquedos não estruturados com materiais não estruturados serem expostos na área externa como ambiente que convida a criança a explorá-lo nos momentos nos quais as elas brincam livremente na área externa.

Na segunda sessão (dia 19/03/2018) foi o primeiro dia que tivemos contato com as crianças. Em uma conversa breve com os colegas antes do início da observação, trocamos experiências em relação a confecção dos brinquedos e as

expectativas para o encontro das crianças com os objetos. Já com as crianças na área externa, distribuimos os brinquedos e imediatamente algumas foram se aproximando e explorando os objetos, outras perguntaram se podiam.

Podemos perceber que as crianças atribuíram funções distintas aos objetos, o que evidenciou a potencialidade dos objetos e do livre brincar de possibilitarem experimentos de desprendimento do real, ato que significa momentos de efetivo desenvolvimento das crianças. Um fato que nos chamou atenção foi o interesse das crianças pelo tapete sensorial nos dando pistas da importância das sensações e do forte desejo de experimentação das crianças. Outro brinquedo que nos forneceu pistas para pensarmos o desenvolvimento foi o pé de lata. As crianças caíam, mas em seguida levantavam e tentavam novamente até conseguirem. Dois fatos merecem destaque, a nosso ver: o primeiro a maior persistência dos meninos em relação as meninas. Ficou nítido o desejo de algumas meninas experimentarem o pé de lata. Elas ficavam por perto, observavam, ensaiavam andar, mas apenas uma explorou o brinquedo. Uma das possíveis hipóteses é a de que as meninas são mais limitadas em suas vivências corporais o que pode ter gerado o entrave.

É importante ressaltar que uma das principais características do brincar é justamente a liberdade o que nos leva a afirmar que restringir os brinquedos e as brincadeiras para perpetuar o ideal da divisão de gênero é um elemento que descaracteriza e, portanto destrói a brincadeira.

Na terceira sessão (dia 20/03/2018) observamos que a rotina diária das crianças é bem participativa por todos os alunos durante a semana, o que muda são algumas atividades desenvolvidas dentro da sala de aula, a professora falou que tanto ela quanto as outras usam um planejamento chamado de “Jornada ampliada”, esse planejamento que direciona o que elas irão fazer com as crianças durante a semana, mas que as professoras têm toda a liberdade com relação à escolha do conteúdo.

As crianças chegam ao Pompeu Sarmiento por volta das 07h00min horas da manhã são recebidas pela professora na sala de aula, as crianças que vão chegando vão esperando pelas outras, enquanto isso fica brincando na sala, depois que todos estão presentes a professora os leva para o lanche, após o lanche elas vão para o pátio, as brincadeiras são livres escolhidas ou criadas pelas próprias crianças, elas gostam muito de brincar em grupos e também brincar com alguns brinquedos feitos de pneus que ficam no pátio do, as 09h00min horas após o

encerramento do recreio as crianças voltam para a sala, para fazer as atividades preparadas pela professora e às 10h30min. Na hora do recreio e o momento muito rico e de suma importância para as crianças, observamos a riqueza de percepção que a criança possui principalmente ao mudar o brinquedo para outro também fazer de uma simples peteca que se jogava em grupo utilizavam como uma bola jogando para o alto e mirando para pegar e ao mesmo tempo repassando para seu colega ao lado isso foi muito rico ver as crianças fazendo divisão pega você fulano e depois passa para o outro viu e assim por diante.

Na quarta sessão (dia 21/03/2018) observamos que os brinquedos já não eram explorados com a mesma intensidade em comparação com os primeiros dias. As crianças se interessaram mais com o brinquedo trazido pela primeira vez, painéis que foram amarrados em cordões suspensos. Com pedaços de paus que ficaram a disposição das crianças para baterem nas latas, umas passinhas de garrafa pet e boliches ainda foram utilizados pelas crianças. Com as passinhas as crianças juntam barros que são colocados em um depósito no qual uma criança encontra uma formiga grande e coloca-a dentro e passa o intervalo todo com a formiga, até na hora do lanche ele fica com a formigona como os meninos estavam chamando. Um menino pega o pé de lata e tenta andar no primeiro momento não conseguiu andar, mas com pouco tempo não estava só andando, mas pulando com as latas no pé, depois de se desequilibrar e caem das latas, ele desiste do brinquedo e vai brincar de outros objetos. Um menino com carrinho de madeira pega areia e coloca dentro e depois vai andando até chega onde uns meninos estão brincando de boliche e pede para o menino sair de e bate com uma garrafa na cabeça do menino para ele sair de perto dos boliches para não derrubar, mas parecia que as aquelas palavras só aguçavam a vontade do menino de derrubar os boliches com o carrinho, então ele espera os meninos se distraírem e com o carrinho derruba os boliches no chão e sai correndo.

Observamos que um menino pegou o cavalo de pau montou nele depois ficou batendo na cara do cavalo, arrancou a cabeça do cavalo e saiu carregando a cabeça na mão e montado no cabo da vassoura que mesmo sem a cabeça continuava com o sentido de cavalo, em uma conversa com a Ana ela explicou que as crianças às vezes agiam daquela forma por ter um certo estranhamento no primeiro contato com o objeto. O contato com a terra e a água pode ser observado todos os dias existem grupos que ficam brincando com água outros com terra e outros

procuram deferentes brinquedos para brincar. Depois saímos de sala em salas visitando cada cantinho das salas observando os cantinhos temáticos e conseguimos ver salinhas, tela para roupas de fantasias, muitos brinquedos, que são espalhados pelas crianças e elas mesmas guardam depois de brincar.

Quinta sessão, dia 26/03/2018 foi um momento muito importante no estágio, pois com a produção parcial do relatório pudemos tornar mais efetivo o nosso olhar para as nossas observações na escola. O retorno as leituras, a documentação do já vivido e a experiência das sessões anteriores nos possibilitaram enxergar várias situações antes ignoradas. Neste dia a ficha caiu de que estávamos em uma escola com apenas 3 semanas do retorno das férias o que significa período de adaptação, mas que não víamos crianças chorando, nem resistindo a permanecer no espaço. Observamos nesse dia que as crianças mesmo em situação de conflito são observadas com poucas interferências o que de acordo com a literatura possibilita que elas próprias dentro da linguagem do brincar possam ensaiar maneiras criativas de resolver os conflitos. Uma criança ficou nua durante o momento do brincar no espaço externo no qual há um chuveiro e foi de maneira discreta solicitada a vestir-se pela coordenadora que explicou que na escola a regra é ficar vestido. Percebemos que a criança foi respeitada em sua expressão e escutada de maneira singular. Neste dia surgia a iniciativa por parte da coordenadora de participarmos de um congresso para relatar nossas experiências.

Sexta sessão, dia 27/03/2018. Neste último dia foi notória a diminuição do número de estagiários. Este fato aliado a ausência temporária da coordenadora que precisou participar de uma reunião, a nosso ver, criou as condições para que pudéssemos observar as fragilidades de nossa intervenção.

Ademais, observamos também que as crianças por já terem explorado nos outros dias os brinquedos já mostravam-se desinteressadas o que nos fez pela primeira vez observar situações de conflitos mais numerosas. Observamos uma desatenção dos adultos, um excesso de uso de celulares por parte dos estagiários e funcionários o que também pode ter contribuído para tal situação. Observamos também uma situação de uma professora que repreendeu uma criança que estava dentro de um fogão feito de papelão dizendo que o objeto não tinha aquele fim. Neste dia também uma criança se machucou próximo a cortina de painéis. Observamos que havia quebrado uma parte dos dentes que já aparentavam estar bastante fragilizados e cariados. Uma das professoras se aproximou e realizou os

primeiros socorros. Apesar dela não ser a professora da criança observamos uma atitude de cuidado o que reforçou a política da instituição que preza pelos cuidados das crianças pelos adultos.

Todos os adultos são responsáveis por todas as crianças. Encerramos com uma reunião com a coordenadora. No que diz respeito a este último caso, ela afirmou que a escola já conseguiu dentista para essa criança, mas que os responsáveis não levaram e que já haviam acontecido outras situações de sangramento devido à situação na qual está os dentes das crianças. Neste último momento, discutimos sobre os pontos que poderemos melhorar em futuras intervenções. O revezamento de brinquedos e do exercício de observação e registro atenta foi para nós grandes aprendizados derivados da experiência. Houve uma avaliação espontânea e emocionante por parte das estagiárias e, a impressão que ficou foi: foi uma experiência pedagogicamente incrível e pessoalmente transformadora.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finais? Estas considerações é apenas o começo. O começo de uma nova trajetória. Pelo modo que vivemos este estágio, certamente não seremos mais os mesmos. As trocas entre os diferentes trios da à turma foi excelente o que favoreceu bastante o estágio. O contato com o mundo infantil talvez nos tenha proporcionado um encontro com a nossa criança e com nossos sentimentos de liberdade e espontaneidade o que ampliou o nosso olhar para o mundo e para os outros e nos fez criar laços.

A desconstrução de nossos projetos e até mesmo de nosso modo de perceber a educação infantil a princípio assustou, mas depois da segunda sessão o susto tornou-se motivação que foi sendo materializada através da construção de brinquedos e das observações dos momentos do livre brincar das crianças.

4 REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. O significado da infância. **In: Anais I Simpósio Nacional de Educação Infantil**: Conferência Nacional de Educação para Todos. Brasília: SEC/SEF/COEDI, 1994, p. 88-92.

BUITONI, Dulcília. S. **De volta ao quintal mágico**: a educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Agora, 2006.

DIAS, Marina Célia Moraes . **O corpo e a construção do conhecimento**. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.2, p.13-15, 1996.

FERREIRA, Paulo Nin. **Jogos, recreação e brincadeiras**. Maceió, 2012. Disponível em: <http://ava.ead.ufal.br/course/view.php?id=7262>, acesso em: 06/fev/2018.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da Educação**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192 Acesso em 14/01/2018.

TIRIBA, Léa. **Crianças da natureza**. Disponível em:

<

<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>> Acesso em 14/01/2018

VIGOTSKI, L. S. - **A brincadeira e seu papel no desenvolvimento**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, junho, 2008.